
Contribuições para a relação entre psicologia analítico-comportamental e contos de fadas: um enfoque psicoterapêutico

Bárbara Loss Paro¹
Ramiz Candeloro Pedroso de Moraes
Centro Universitário UNIFAFIBE

Resumo: Os contos de fadas são histórias populares para lerem às crianças, cuja história se inicia a partir de um motivo principal e, permite em seu desenvolvimento, transmitir conhecimento e valor cultural. O objetivo deste trabalho de conclusão de curso foi o de promover reflexões sobre como as leituras de histórias infantis podem auxiliar na descrição e modificação do comportamento das crianças. A busca para identificar esta relação foi conduzida por meio de uma ampla revisão da literatura, a partir de pesquisa bibliográfica e descritiva. Diante das buscas, observou-se que nas histórias, podem-se encontrar personagens e situações que são parecidas com o dia-a-dia da criança, que podem ser usados para esclarecer e explicar seu mundo. Foi possível ainda, compreender sobre os contos de fadas e suas contribuições para a Psicologia Analítico-Comportamental no contexto psicoterapêutico, tema pouco estudado na ciência. Observou-se, ainda, que além dos contos colaborarem para maior compreensão da criança quanto aos objetivos da terapia e, também, dos sentimentos e relatos apresentados por esta, contribuem para a descrição de contingências e regras culturais. A leitura dos contos, tanto pelo terapeuta quanto pela criança, pode atuar enquanto estratégia para o desenvolvimento de resolução de problemas e expressão de sentimentos da criança.

Palavras-chave: Contos de fadas, Psicologia analítico-comportamental, Função terapêutica.

Contributions to the relationship between analytical behavior psychology and fairy tales: a psychotherapeutic focus

ABSTRACT: Fairy tales are popular stories to read to children, whose story starts from a main subject and allows for its development, impart knowledge and cultural value. The objective of this course conclusion work was to promote reflections on the readings of children's stories can help in the description and change the behavior of children. The search to identify this relationship was conducted through a comprehensive literature review, from bibliographic and descriptive research. In the search, it was observed that the stories can be found characters and situations that are similar to the day-to-day life, which can be used to clarify and explain their world. It was also possible to understand about fairy tales and their contributions to the Analytical Behavioral Psychology in the psychotherapeutic context, little studied topic in science. It was noted also that besides the tales collaborate to better understand the child and the goals of therapy and also the feelings and reports presented by this contribute to the description of contingencies and cultural rules. Reading the stories, both the therapist and the child, can act as a strategy for the development of problem solving and the child's expression of feelings.

Keywords: Fairy Tales. Analytical. Behavioural Psychology. Child. Therapeutic function

¹ Bárbara Loss Paro. End. Correspondência: End. Correspondência R. Prof. Orlando França de Carvalho, nº 325-326, Centro, CEP 14701-070, Bebedouro, SP, Brasil, e-mail: babi_paro26@hotmail.com

Introdução

O mundo é composto por grandes histórias e contos, sendo a história o incalculável impacto das circunstâncias sobre as utopias e os sonhos. Os contos de fadas em sua história são conhecidos como contos populares e fábulas que são lidas para todas as crianças. Os contos são compostos por uma narrativa curta, cuja história que se inicia a partir de um desfecho principal e permite transmitir valores culturais e aprendizado, que é passado de geração para geração. Nos contos, a história é transmitida oralmente pelo narrador, e o herói ou heroína passam por grandes e conflituosos obstáculos durante a narrativa antes de conseguir vencer a luta contra o mal (Coelho, 1987).

As crianças possuem uma grande disposição para o desenvolvimento, mas se sua evolução sofrer algumas alterações por alguma dificuldade de elaborar psicologicamente seus conflitos, essa dificuldade poderá afetar drasticamente no seu crescimento (Safra, 2005).

Ao analisarem os contos de fadas pesquisadores observaram grandes consequências no modo de pensar, agir e entender das crianças que revela uma grande importância destes para o desenvolvimento psíquico das crianças, levando assim o interesse dos pesquisadores para identificar como os contos de fadas podem ajudar no trabalho do psicólogo na área de psicoterapia infantil (Bettelheim, 2002).

Neste contexto, cabe problematizar, por que a Psicologia Analítico-Comportamental não se apropriou dos contos de fadas enquanto elemento terapêutico para lidar com crianças? Ainda que a Psicanálise se debruce historicamente neste tema, outras abordagens podem contribuir nesta discussão.

A Psicologia Analítico-Comportamental a partir desse tema pode contribuir mostrando a criança regras, normas, valores, cultura, modelo de comportamento e o próprio comportamento adequado e o inadequado dentro de cada conto de fadas, mostrando a ela como se comportar e expressar seus sentimentos quando ela se assemelha a algum personagem dentro da terapia infantil. Com isso, o objetivo do presente artigo é identificar os possíveis diálogos da Psicologia Analítico-Comportamental com os contos de fadas e

as suas contribuições para o desenvolvimento psíquico com enfoque na infância.

Elementos Históricos sobre os contos de fadas

Nos contos, que geralmente começam por "era uma vez", para demonstrar que os temas não se referem apenas ao presente tempo e espaço, podem-se encontrar personagens e situações que são parecidas com seu dia-a-dia e da sua vida individual, como os medos (Phiel, 2013).

Para Phiel (2013), também é possível identificar conflitos e sonhos, as diferenças de gerações, a convivência de crianças e adultos, as etapas da vida, nascimento, amadurecimento, velhice e morte, também como sentimentos que fazem parte de cada um, amor, ódio, inveja e amizade, para esclarecer e explicar o mundo que nos rodeia e nos permitir criar formas de lidar com isso.

A origem dos contos de fadas esta relacionada com a literatura cortesã da idade média onde apareceram as primeiras referências às fadas nas novelas de cavalaria, tendo por base textos de origem céltico-bretã. Na literatura destacavam-se o amor mágico e imortal das fadas, na qual possuíam superioridade e um poder muito maior do que entre outros povos. Conforme Hammes (2007), na maior parte dos contos, as fadas aparecem ligadas ao amor, sendo amadas ou ajudando que procurem o amor, dando outro sentido aos contos de fadas, deixando de lado uma grande parte da dimensão mágica e sobrenatural.

Ao contrário do que parecem os contos de fadas na sua origem, não foram escritos para crianças, muito menos para ensinar valores morais para elas. Na sua forma original, os textos levavam cenas de traição, incesto, canibalismo e mortes (Phiel, 2013). Segundo registro de Cashdan (2000), os contos de fadas são originalmente construídos como uma forma de entretenimento para adultos e eram contados em reuniões sociais, nas salas de fumar, nos campos e em outros ambientes onde os adultos se reuniam, não na hora de dormir para as crianças.

A versão dos contos para o formato infantil foi criada na França do século XVII, pelo escritor Charles Perrault. Mediante isso Cashdan (2000) relata que a mudança dos contos para a literatura infantil só teria mesmo mudado no século XIX, com a venda de livros pequenos e partituras de histórias chamadas de chapbooks.

Os contos de fadas com o formato infantil, como outros tipos de narrativas e brincadeiras, possuem características que facilitam para que as crianças identifiquem seus conflitos internos, seu psiquismo, tratando-se de histórias que possuem personagens sem muitos detalhes, sendo mais típicas do que únicas e a maioria das vezes esses contos não possuem nomes de personagens, e se o possuem, são bastante comuns, como João e Maria, facilitando a identificação da criança com o personagem (Gutfreind, 2004).

A psicologia analítico-comportamental e os contos de fadas

Ao longo do tempo, os contos de fadas têm sido estudados por várias áreas do conhecimento, como a Psicologia que estuda o verdadeiro significado de cada conto infantil. Cashdan (2000 como citado em Furini, 2009) sugere que os contos são teatros trazidos na infância que reproduzem as lutas reais da vida e que embora os contos atraiam as pessoas pela sua capacidade de seduzir e entreter quem o lê, seu valor reside no poder de ajudar as crianças a lidar com todos os conflitos internos que elas enfrentam e vão enfrentar no processo de crescimento ao longo da vida.

Uma das abordagens da Psicologia que se pode estudar e trabalhar os contos de fadas e entender sobre o desenvolvimento das crianças é a Psicologia Analítico-Comportamental, que busca compreender os comportamentos humanos a partir da sua interação com o ambiente em que a pessoa se encontra. Para a Análise do Comportamento, o ambiente pode ser o mundo físico, as questões materiais que a cercam e o mundo social constituído pelas nossas interações com as pessoas e nossa história de vida (Moreira & Medeiros, 2007).

Para os profissionais dessa área, o desenvolvimento humano é de extrema importância para analisarem os comportamentos dos indivíduos e a definem como um processo contínuo e gradual de mudanças nas interações entre as respostas do indivíduo e os eventos que acontecem em seu ambiente, ao longo de sua vida (Ávila, 2006).

A Psicologia Analítico-Comportamental pode identificar as relações do indivíduo a partir de alguns conceitos baseados em sua teoria como o modelo, as identificações, a influência da cultura e mídia e o próprio comportamento, para entender as relações e interações das pessoas com seu ambiente, podendo

assim entender e ajudar em seu desenvolvimento e crescimento emocional (Moreira & Medeiros, 2007).

Para alguns autores como Rose e Gil (2003) a participação da criança em jogos e brincadeiras que envolvam modelo de ação, instruções e consequências reforçadoras, que vão dar um resultado bom para ela, é um meio para que os comportamentos existentes em seu repertório inicial sejam definidos. Para os atores, com passar do tempo novos comportamentos também podem ser aprendidos, ajudando em seu desenvolvimento.

Ávila (2006) ressalta que a apresentação de contos e histórias infantis para as crianças favorece para os profissionais como psicólogos e educadores uma ajuda para conseguirem promover um desenvolvimento em relação ao comportamento verbal da criança, ajudando também a conseguirem de alguma forma expressar suas emoções.

Já segundo Baldwin e Baldwin (1986 como citado em Passinato, 2009) o comportamento de uma pessoa pode ser influenciado quando se observa algum comportamento de outra pessoa, sendo esse conceito definido como modelo, em que a pessoa pode emitir da mesma forma o comportamento observado. Esse comportamento visto através do modelo possui uma função de estímulo discriminativo, que através dele a pessoa vai discriminar que comportamento deve emitir no ambiente em que se encontra, podendo ser realizado logo após ser visto, depois de algum tempo ou nunca emitido.

Conforme Passinato (2009) os contos que são lidos e assistidos através de filmes para as crianças fazem com a que a imaginação destas seja aflorada, fazendo com que imaginem mais as histórias e todos os seus personagens e consiga de alguma forma incorporar o que ela entendeu à sua vida real.

Bettelheim (2002) diz em sua obra, que para que as crianças tenham um grande interesse nas histórias, é preciso que os contos despertem uma curiosidade em saber o que vai acontecer com todos os personagens. Diante dessa situação, a criança acaba sendo levada a uma dimensão de pensamentos, fazendo com que ela encontre de uma maneira ilustrativa e de grande interesse para ela.

De acordo com o autor a criança também pode se assemelhar com o personagem, transferindo seus problemas para a história narrada em seu conto preferido. A maioria dos assuntos dos contos é real, incluindo principalmente os medos que uma criança pequena possui (como o medo do escuro). Sendo

assim, quanto maior as semelhanças entre o observador e o modelo que está nas histórias, maior a probabilidade do observador reproduzir o comportamento do modelo visto nos contos de fadas (Bettelheim, 2002).

A cultura e o fantasiar nos contos de fadas

Ainda que algumas fantasias e pensamentos sobre as histórias vistas na infância serem desfeitos quando se chegam à adolescência e vida adulta, Passinato (2009) explica que alguns vestígios dos contos que as crianças viram e gostaram continuam influenciando a vida desses novos adultos, podendo estar correlacionados com modelos que podem influenciar seus comportamentos, como exemplo as suas relações amorosas.

Portanto, os contos em seu desenrolar da história também conseguem aliviar algumas pressões que se manifestam na criança e mostra que cada personagem possui uma característica semelhante ao problema que a criança está lidando no momento, mostrando que apesar da idade e da imaturidade, a capacidade de controlar boa parte dos ciclos emocionais e racionais podem existir em todo esse meio (Bettelheim, 2002).

A cultura nos contos de fadas também tem um fator dominante no que se refere às crianças de acordo com o autor. Os contos em muitos aspectos fingem sobre o lado “ruim” do homem, ensinando as crianças que isso não existe, e quando existe é algo escuro, que não é do bem, dando ênfase no aspecto otimista do mundo.

Entretanto, a leitura dos contos para as crianças é de alguma forma um meio eficiente para a transmissão da cultura de uma sociedade, conseguindo transmitir os seus valores, crenças e mitos através dos diferentes personagens que se encontram em cada história (Vasconcelos, 2005).

O início da leitura dos contos infantis nos primeiros anos de vida para as crianças, de acordo com Vasconcelos (2005) dará a elas a possibilidade de se desenvolverem em várias áreas diferentes, que poderão trazer a criança uma maneira mais observadora, reflexiva, crítica, e até ficarem sensíveis aos outros, sendo capaz de expressar seus sentimentos e pensamentos.

É importante salientar que a cultura de uma pessoa segundo Skinner (2003) é criada pelos comportamentos, pelas palavras, gestos e todas as formas que o afetam fazendo parte dos comportamentos que são vistas pelos membros do

grupo a qual o indivíduo pertence, levando a ter um grande repertório de costumes, valores e normas como o que se deve ou não ser feito e o que é ser bom ou ser ruim, por exemplo, que podem ser vistos em muitas histórias infantis e nos clássicos contos de fadas para as crianças.

Ao ler alguns contos de fadas é possível perceber que neles, não há uma ambivalência em seus personagens, tanto os principais como os ajudantes ou o vilão da história, eles não são bondosos e maus ao mesmo tempo, como todas as pessoas são na realidade, eles são considerados ou só bons ou só maus pela história (Bettelheim, 2002).

Ainda nessa perspectiva para o autor na maioria dos contos de fadas esses personagens não servem para focar no comportamento correto, havendo vários contos que facilitam a compreensão da diferença entre o que é bom e o que é mal, por isso os contos dividem os personagens não como ambivalentes, pois dessa forma as crianças não conseguiriam entender facilmente esses termos. Para que as crianças consigam entender essas ambiguidades dos integrantes dos contos, elas precisam estabelecer uma personalidade relativamente firme para perceber o que é positivo, só assim ela terá como compreender as diferenças entre as pessoas.

Com essas compreensões do bem e do mal, Bettelheim (2002) acredita que as escolhas das crianças para a preferência do personagem nas histórias, são baseadas não tanto sobre o comportamento adequado contra o que é errado, mas sobre quem vai fazer despertar sua simpatia e quem desperta sua antipatia, assim a criança vai se identificar com o personagem que mais tem semelhança com ele e rejeitar aquele que não o faz, podendo decidir se vai ou não, seguir os passos daquele personagem.

A própria narrativa das histórias infantis tem uma grande função social ao conseguir invocar e modelar, Ávila (2006) explica que tanto direta ou indiretamente alguns padrões de comportamentos específicos que tem uma maior probabilidade em serem reforçados socialmente e que os seus personagens ao personificarem o humano e o faz-de-conta permitem que a criança estruture sua própria realidade, o que ressalta a necessidade do exercício da crítica por ela.

No entanto, é importante ressaltar que o fantasiar também é um termo no qual ajuda a criança a identificar regras estabelecidas, dando a criança sinais sobre o desenvolvimento de opiniões e regras,

além de permitir que o paciente atendido consiga se expressar e relatar seus sentimentos como relatam Haber e Carmo (2007).

Os autores concluem que o comportamento de fantasiar da criança facilita no reconhecimento de vários comportamentos na hora da sessão, como as condutas consideradas empáticas e as assertivas. Além disso, dentro da sessão com a criança, o terapeuta utilizando o seu fantasiar, é capaz de falar sobre as regras, comportamentos inadequados que ela pratica e fazer com que a criança tenha uma percepção sobre as suas ações e seus comportamentos emitidos baseados em sua história de reforço.

O comportamento de fantasiar pode ser visto como uma maneira do psicólogo realizar um diagnóstico e intervenção, uma vez que o terapeuta poderá preparar a intervenção se baseando nas informações que foram descritas pela criança durante a sessão e conseguir trabalhar com ela nos momentos que esteja sendo realizada a fantasia, ajudando o cliente a conseguir discriminar os motivos para os comportamentos inadequados que ela realiza e as possíveis alternativas para a mudança Nalin-Regra (1993 como citado em Haber & Carmo, 2007).

Concluindo Pereira e Lemos (2013) consideram que o imaginário infantil é imprescindível para todas as crianças, pois a fantasia auxilia a criança a conseguir lidar com a realidade em que ela vive, começando muito cedo a paixão pela fantasia, não existindo a infância sem o fantasiar, pois a fantasia se alimenta da ficção e não existe infância sem ficção.

Métodos

Este trabalho tem como metodologia a pesquisa bibliográfica, orientada a partir de uma revisão narrativa que está ligada a fundamentação teórica sem ter estratégias de busca exaustivas e sofisticadas, sendo a revisão de dados feita com a realização de análise de conteúdo presentes em fontes primárias e fontes secundárias.

Foram realizadas buscas em fontes primárias (livros clássicos de psicologia analítico-comportamental e sobre contos de fadas); buscas em fontes secundárias: bases de indexação de artigos científicos, prioritariamente na SCIELO, incluindo artigos dos últimos 15 anos.

Foram utilizadas as seguintes palavras-chave para a busca: contos de fadas, psicologia

analítico-comportamental, criança e função terapêutica. Por meio do levantamento bibliográfico realizado se utilizaram dados teóricos já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados. Assim, para realizar a pesquisa sobre como os contos de fadas podem ajudar na terapia infantil, realizou-se uma revisão bibliográfica junto aos artigos da Psicologia Analítico-Comportamental e os contos de fadas de importante contribuição ao meio acadêmico e clínico.

Resultados e Discussão

Os contos de fadas, por serem semelhantes ao mecanismo de brincar, têm recebido um valioso espaço nos estudos da área da Psicologia infantil, sobretudo em suas aplicações na clínica.

Além disso, todos os contos, como também os brinquedos trazem de alguma forma uma diversão pura e simples, uma descontração para passar o tempo, uma trégua da realidade e todos os aspectos fundamentais para que assim todas as crianças consigam se desenvolver e elaborar-se de maneira saudável (Gutfreind, 2003).

Estudo como o de Gutfreind (2004) refere ao conto como uma obra de fonte de prazer, relaciona-o com o brincar como uma fonte importante de potencial terapêutico trabalhando com sua dimensão lúdica, relatando que o conto também é brinquedo, que é utilizado como forma de diversão pura e simples para que a criança consiga se desenvolver.

Outra constatação importante sobre os contos de fadas é ressaltada por Vasconcelos (2005) que revela que o comportamento de brincar das crianças dá a ela uma possibilidade para que seu desenvolvimento de repertório de comportamento e de fala aumente, desde uma postura ética, muito valorizada pela sociedade, pela família, e até pelos professores nas escolas.

Todavia para Hisada (1998 como citado em Pereira & Lemos, 2013) a construção das histórias e dos contos é considerada produtos feitos através do conhecimento humano, pois passam por certezas, base do nosso existir, como questões referentes à morte, ao nascimento e nossa sexualidade e podem conectar as crianças com seu mundo interior, dando a possibilidade de alcançar seu autoconhecimento, introduzindo as crianças no mundo dos porquês, da dúvida, de representações, e possibilita a ilustração se seus temores, ideais e desejos que possuem.

Por exemplo, entre os aspectos mais significativos quando ouvimos, inventamos ou descrevemos uma história de contos de fadas,

Passinato (2009) revela que descobrimos a magia da ficção e com isso nos levamos a um mundo onde há fantasia e imaginação pode servir como mediador, onde aprendemos a lidar com a realidade e que as bruxas, fadas, ogros, príncipes, tapetes voadores, dragões, gigantes, e todos os objetos lúdicos dos contos favorecem no desenvolvimento afetivo e cognitivo da criança levando a um questionamento e um processo de produção de crescimento.

É interessante observar que as histórias infantis conseguem conversar com as crianças através de personagens e usando a imaginação, podendo recriar uma ilusão para que as crianças utilizem como fonte de informação para sua autoconsciência, representando as suas angústias e seus comportamentos que não apareciam pela fala (Safra, 2005).

Dessa forma de acordo com Pereira e Lemos (2013) os personagens dos contos de fadas apresentam uma grande potencialidade para as significações do imaginário infantil e todos os cenários das histórias com monstros, bruxas, florestas e fadas, pois ajudam nas dificuldades pessoais para todas as crianças, já que representam histórias universais.

Os contos de fadas explicam Schneider e Torossian (2009) podem ser utilizados como forma terapêutica pelo psicólogo, ajudando com o mundo interno e a realidade externa que a criança percebe, ajudando também a conter alguns comportamentos, sendo uma facilidade para realização de uma intervenção em seu processo de desenvolvimento.

Concluindo, Romaro e Fernandes (2011 como citado em Pereira & Lemos, 2013) relatam que os contos podem ser utilizados como ajuda terapêutica e que podem ser usados pelos os profissionais psicólogos em vários contextos, até mesmo na área hospitalar. Os contos de fadas são vistos como estratégias terapêuticas significativas durante todo o processo de internação das crianças, e podem ajudar na diminuição do sofrimento, pois a criança pode se identificar com os assuntos vistos nos contos, e assim relacionam com seus próprios conflitos, dando a possibilidade de transformação da realidade e uma mudança em seu comportamento.

Considerações Finais

Desde a antiguidade percebe-se que os contos de fadas eram vistos e lidos para as crianças do mundo todo e influenciavam em seus pensamentos, comportamentos e suas

personalidades, pois é na fase que se encontra que elas começam a procurar entender mais sobre seu mundo e o que está acontecendo naquele momento, sendo as histórias dos contos que ajudavam as crianças a desvendarem essas questões.

Com isso, é através dos contos que a criança vai perceber seu mundo, formar sua personalidade, e até ajudar a ter um equilíbrio emocional, pois através de seus personagens bons e maus, dos obstáculos que estas enfrentam e os desfechos que nem sempre são felizes para todas as crianças, elas começam a perceber o mundo em que está inserida e todas as dores e prazeres contidos nele, pois os contos falam-nos das verdades, culturas, valores e regras de cada sociedade e individualmente de cada assunto que as crianças podem vir a se preocupar em cada fase que ela passará.

Além disso, os contos podem ser utilizados com uma finalidade terapêutica, buscando ajudar a criança a se expressar, a mostrar seus sentimentos dentro da sessão e mostrar como ela pode resolver alguns problemas, através da identificação com o personagem do conto que mais gostou. Os contos de fadas também desenvolvem o fantasiar e a imaginação infantil, elementos essenciais para a infância e para ajuda terapêutica.

Desta forma, foi percebido que a utilização dos contos como auxílio terapêutico é de grande valia, pois visa ajudar as crianças nas resoluções dos seus conflitos, auxilia na construção de uma resposta positiva e na tentativa de um final feliz a seus problemas, pois as histórias dos contos de fadas não indicam o tempo que a história acontece, o conto pode estar acontecendo em qualquer lugar e em qualquer tempo. Seus personagens possuem características que despertam uma identificação imediata da criança com o conto, facilitando assim a compreensão da história e a ajuda na identificação do personagem para resolução dos problemas e dificuldades da criança.

Referências

- Ávila, R. R.(2006). *Histórias infantis como um contexto para o reforçamento positivo do comportamento verbal vocal de crianças pré-escolares*. Dissertação de mestrado. Universidade de Brasília. Brasília, DF, Brasil.
- Bettelheim, B. (2002). *A psicanálise dos contos de fadas* (Arlene Caetano, Trad.). (16a ed.). São Paulo: Paz e Terra (Obra original publicada em 1980)

- Cashdan, S. (2000.). *Os sete pecados capitais nos contos de fadas: como os contos de fadas influenciam nossas vidas*. Campus: Rio de Janeiro.
- Coelho, N. (1987). *O conto de fadas*. São Paulo: Ática.
- Furini, M. C. (2009). *O papel do conto de fadas na construção do imaginário infantil*. Monografia. Faculdade de Pindamonhangaba FAPI, Pindamonhangaba, São Paulo, Brasil.
- Gutfreind, C. (2004). Contos e desenvolvimento psíquico. *Revista Viver Mente & Cérebro*. XIII(142), 24-29.
- Gutfreind, C. (2003). *O terapeuta e o lobo: a utilização do conto na psicoterapia da criança*. São Paulo: Artes e Ofícios.
- Haber, G. M., & CARMO, J. D. S. (2007). O fantasiar como recurso na clínica comportamental infantil. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*. IX (1), 45-60.
- Hammes, V. M.(2010). *A contribuição dos Contos de Fadas para o Desenvolvimento infantil*. Monografia- Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Rio de Janeiro, RJ. Brasil.
- Moreira, M. B., & MEDEIROS, C. A. (2007). *Princípios Básicos de Análise do Comportamento*. Porto Alegre: Artmed.
- Passinato, V. (2009). *Análise comportamental de contos de fada: uma questão de gênero*. Monografia. Faculdade de Ciências da Educação e Saúde (FACES), Brasília, DF, Brasil.
- Pereira, V. O. B., & Lemos, M. F. (2013). A função terapêutica dos contos de fadas: sentimentos e conflitos humanos. *Perspectivas em Psicologia*, 17(2),102-114.
- Pihel, R. (2013). *Uma proposta de tradução de contos de fadas de Hermann Hesse num modelo de edição bilíngue*. Trabalho de Projeto Curso, Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal.
- Rose, J. C. C., & Gil, M. S. C. A. (2003). Para uma análise do brincar e de sua função educacional: A função educacional do brincar. In M. Z. S. Brandão, F. C. S. Conte, F. S. Brandão, Y. K. Ingberman, C. B. Moura, V. M. Silva, & S. M. Oliane (Orgs.), *Sobre comportamento e cognição* (Vol. 11, pp. 373-382). Santo André, SP: ESETec.
- Schneider, R. E. F., & Torossian, S. D. (2009). Contos de fadas: de sua origem à clínica contemporânea. *Psicologia em Revista*, 15(2), 132-148.
- Safra, G. (2005). *Curando com histórias: a inclusão dos pais na consulta terapêutica da criança*. São Paulo: Edições Sobornost.
- Skinner, B. F. (2003). *Ciência e comportamento humano*. (J. C. Todorov e R. Trad.) São Paulo: Ed. Martins Fontes. (Obra original publicada em 1953).
- Vasconcelos, L. A. (2005). Interpretações analítico-comportamentais de histórias infantis pra utilização lúdico-educativas. *Humanidades (Brasília)*, 1, 1-13.

Recebido em 20/03/2017
Versão final em 03/09/2017
Aceito em 02/10/2017